

Tabulario
A Entrevista

Sem santo nem senha

POR **JOAQUIM LEITÃO**



O SR. CAPITÃO ANDRÉ AVELINO D'OLIVEIRA REIS

Commandante do esquadrão de Lanceiros, que acompanhou El-Rei D. Manuel,
do Paço de Belem, às Necessidades,
na noite de 3 outubro de 1910, findo o banquete do Presidente Eleito da Republica Brasileira

N.º 13 — Numero avulso 60 reis — 11 - 11 - 1914

NÃO SE ACCETAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reproducção reservados

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.
Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.
Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.
Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.
Numero 7. — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.
Numero 8. — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.
Numero 9. — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.
Numero 10. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE).
Numero 11. — Entrevista com MARIOTTE — As accusações do sr. João de Freitas e os ultimos parlamentos monarchicos — Porque devemos ser monarchicos — Exposição da doutrina monarchica.
Numero 12. — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — A cobardia dos grandes e a coragem dos pequenos — O 26 de Janeiro e o Sr. Affonso Costa — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.

A ENTREVISTA occupa-se exclusivamente de assumptos portuguezes.

TODOS OS PEDIDOS D'A ENTREVISTA DEVEM SER DIRIGIDOS:

PORTO — Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA — Agencia d'« A Entrevista », Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO — Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.

Ilustração Catholica

Assignatura annual, 2\$400 — Semestre, 1\$200 — Arulso, 60 reis

Pedidos ao proprietario Joaquim Antonio Pereira Villeia, R. Martyres da Republica — Braga

Revista litteraria semanal de informação graphica, collaborada pelos principaes escriptores portuguezes. Reprodiz em formosas e numerosas gravuras os factos mais importantes do paiz e do estrangeiro.



André Armand d'Almeida Reis

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 13

11-2-1914

COMMEMORANDO

A

Retirada do sr. Bernardino Machado

Carta d'um leitor — Novas perguntas — Resposta a estas — A diplomacia republicana — Diversas encarnações do sr. Guerra Junqueiro — Porque foi para Berne o sr. Junqueiro — Uma interpretação de Miguel Unamuno — O grupo dos "Vencidos da Vida,, — Diferença entre Eça de Queiroz, Marquez de Soveral, Ramalho Ortigão, Anthero do Quental, O. Martins, e o sr. Junqueiro empregado da Republica — Como sahiu de Berne o Tolstoi portuguez — Peor crise que a vinicola — Como foi para o Brazil o sr. Bernardino Machado — Intervenção d'um senador brasileiro na politica republicana portugueza — Bernardino Machado e Camello Lampreia — Como lembrou ao sr. Affonso Costa elevar a embaixada a Legação da republica portugueza no Brazil — O plano do sr. Bernardino e seu fracasso — A politica externa nas democracias — Razão d'esta entrevista e da que se segue — Mais bocadinhos d'ouro para a historia d'este dispendioso interregno.

Escrepta nos faceis caracteres d'uma
Remington, recebi uma manhã d'estas,

com o carimbo de Lisboa, a seguinte
carta:

«... sr. Joaquim Leitão.

« No numero 10 da *Entrevista*, conta V. que constantemente lhe fazem de dentro e de fóra do paiz as seguintes perguntas :

— Porque fracassou a 1.^a incursão ?

— Porque não entrou Paiva Couceiro em Chaves ?

— O que diz você ao Homero ?

— Porque é que as altas patentes do exercito, o peixe graúdo é prêso e logo solto d'ahi a dias, e os capitães, os tenentes, os pequenos são chamados a perguntas e ficam prêsos definitivamente ?

« Contente-se commigo que muita vez as faço cá aos meus botões e bastantes vezes as ouço dirigidas por ahi a mim. Mas agora andam na baila mais estas perguntas que eu peço licença para endossar a V. :

— « Para que acceitou a Legação de Berne um poeta como o Guerra Junqueiro ?

— « Porque foi parar ao Brazil o Bernardino ?

— « O que fez no Brazil o Bernardino ?

— « Porque saiu do Brazil o Bernardino ?

« Não poderia V. deitar alguma luz sobre estes quatro mysterios ? Muito grato lhe ficaria o

De V. ex.^a

a) *Um Espectador da Galeria* ».

Apesar de tambem dever resposta a *Tres Realistas Portuguezes* que, do norte do Brazil, me fazem uma remessa importante e symptomatica, que merece não cair em ingrato esquecimento, respondo hoje ao *Espectador da Galeria*, já que as suas linhas revestem actualidade, emquanto que o assumpto dos *Tres Realistas* nem perde a oportunidade, nem se accontenta com duas pennadas n'um pos-

tal. E' tarde, e mais depressa se responde a um do que a tres.

A primeira pergunta do *Espectador da Galeria* traduz um certo dó de leitor, ao vêr o seu poeta cravado de *suellos* na imprensa ministerial que do nome do bardo-funcionario faz n'este momento seu paliteiro. Compreendendo o seu dó. Eu tambem o senti. Mas não agora. Senti-o em 1910, depois de proclamado o regimen, quando dei com o sr. Guerra Junqueiro arrastando as suas barbas tolstoianas e a sua lyra pelas pedras mendicantes da Arcada, como qualquer bacharel obscuro que, ao acabar a formatura, reconhece a sua impotencia para ganhar a vida.

Era um fim de tarde. Vinha eu n'um carro electrico, da Praça de Camões para a Avenida, quando ao dobrar a esquina da rua do Ouro, vi o poeta Guerra Junqueiro, cozido com as paredes, guarda-chuva debaixo do braço, sair do Ministerio do Interior. Eu encontrára esse homem sob varias transfigurações; malbaratando o tempo e o talento em bobices arranjadas e engommadas em casa, sobre o caso do dia, para as proferir depois cá na rua como se jorrassem d'um abundante e improvisado espirito sarcastico; prégando o desinteresse e o sacrificio métrico na Praça Nova do Porto; encontrei-o dyspeptico em 1895, a prometter o *Promethéo*; encontrei-o mais tarde tolstoiano, affirmando praticar para as duras humildades de franciscano; encontrei-o com christos, debaixo do braço, e embrulhados em lençoes a offerecer á venda, pelas casas, encontrei-o com garrafinhas de amostras de vinho da sua lavra, embrulhadas em pedaços de jornal, encostado pela Praça Infante D. Henrique, como qualquer corrector de aguardente ou vinhos generosos; encontrei-o inspiado, encontrei-o a apostrophar, a recitar, a invejar, a declamar, a pas-

sear a sua cabelleira e a sua gloria, mas nunca o encontrára a pedinchar, na Arcada, de chapéu na mão, pelos humbraes dos ministerios.

Esse homem que toda a minha geração ouvira flagellar o functionalismo e a dependencia, esse homem que andava pelas esquinas a pedir-nos desculpa de *ser agricultor e corrector das 9 ás 3 e só ser santo das 3 ás 9*, esse homem que se dizia aprendiz de S. Francisco d'Assis, esse homem que já não era creança e que podia continuar a viver sem se agachar á teta do Estado, esse homem que multiplicára a sua fortuna com o *bric-à-brac* e amealhára um par de moedas com a sua obra, que o seu talento de mercador tão bem sabia collocar, não lhe faltando sequer com *trucs* de annunciada e irrealisada apprehensão, como quando da publicação de *A Patria*; esse que era todo intellectualismo, e se dava em amostra de descarnamento d'um espirito, esse homem que desprezava os desgraçados que a miseria enforcava nas fitas dos alvarás-nomeadores, esse homem ali, a rebaixar o seu talento, a manchar a sua gloria de poeta — indisciplinado e maléfico mas hoje o maior dos poetas da peninsula e um dos maiores da Europa —, esse homem, feito pretendente, a engraxar as botas do Antonio Zé, a achar intelligencia ao seu superior Affonso Costa, a saccudir as poeiras da sobrecasaca do Bernardino, do Bernardino que elle tanto crivára de mordacidade alacre, que elle tanto desprezára do alto da sua torre de marfim.

Ponham na sua imaginação Victor Hugo amanuense, Tolstoi, de sobrecasaca, a entregar ajoelhado um memorialsinho, Beaudelaire a venerar o sr. coronel Barreto —, e não excederão a evocação real do sr. Junqueiro a arrastar o seu manto de bardo pelos escarros da arcada.

Olhei-o com um pungente sentimento. Não consegui arranjar desprezo: foi peor, foi lástima, foi dó, foi pena o que senti. Não sorri, não escarnei: condoí-me. Ao passar o electrico na curva, elle olhou. Eu ia sozinho no carro. Deu com os olhos em mim, e leu decerto a piedade que a sua degradação me inspirára, porque no seu olhar não havia a superioridade passada, nem o contentamento do idealista sincero que se revê no triumpho do seu erro: aquelle olhar tinha apenas a confissão do proprio vexame. Eu vinha da redacção do «*Correio da Manhã*», onde continuava o meu destino de independencia moral e intellectual, elle afocinhava como um pôrco á procura de restos e de cascas; eu continuava simplesmente e alegremente a senda dos sacrificios, de olhar levantado e alma afoita; elle corria, como os poetas antigos, para a portaria, á sopa esmolér; eu era um homem livre, elle era um escravo.

Foi um momento, um relampago. Nunca mais me esquece esse espectáculo pungente e triste.

Guerra Junqueiro fitou-me com a vexada confissão da sua miseria no olhar, baixou-o confundido, trocou o andar, cozeu-se mais com as paredes, n'um ar encolhido de mendigo que encontra alguém que o conhecêra outr'ora na posse de uma dignidade e de uma roupa sem buracos, e o «*electric*» arrebatou-me felizmente áquelle espectáculo d'entre todos o mais horroroso: um velho insultando-se e desprezando-se a si proprio, um cerebro a que mal resta clareza para vêr quanto desceu — aguia que caiu dos cimos altaneiros e arrasta a pomposa plumagem das azas orgulhosas pela patinhuice d'um lameiro.

Eu vim para deante, elle ficou para traz, de chapéu na mão...

Lamentei outr'ora muita vez a de-

cadencia d'esse poeta, acabando n'um bóbo de botequim; confrangi-me muita vez, de o vêr empurrar a conversa para a *deixa* artificial que lhe permitisse applicar a phrase, trazida de casa, e que já se ouvira n'outro grupo; nunca o admirei mas respeitei-o encostado ás paredes da Praça Infante D. Henrique, com as amestrinhas de vinho apertadas contra o peito ou a saírem-lhe dos alforges do casacão; mas nunca me senti compungido como n'essa tarde em que o surpreendi a coçar a barba prophetica pela piolhice da Arcada.

Que distancia d'essa tarde ás horas de pompa intellectual, ás horas patrióticas do *Finis Patrie*, encarnadoras do sentimento e da vibração de um povo, ás horas de lyrismo dos *Simples*, das velladas mysticas das *Orações*! Que distancia e que differença entre a agonia d'esse cerebro e o acabar dos sobreviventes dos *Vencidos da Vida*!

O Marquez de Soveral, repellindo a sua função de ministro em Londres, mal se proclama a Republica, sem uma hesitação nem uma duvida no caminho a seguir!

Ramalho Ortigão, mandando entregar as chaves da Bibliotheca da Ajuda ao sr. Teophilo Braga e a farda de secretario da Academia Real ao sr. Lopes de Mendonça, assim que vinga a outubrada, e recomeçando honradamente a sua actividade de escriptor, aos setenta e tantos annos, dando assim um exemplo á mocidade e uma dignificação ao caracter portuguez!

Guerra Junqueiro, o poeta-anathema, o bardo nacional, o portador da lyra de um povo e d'uma raça, ali, de casquete na mão, a esmolar!

Se Eça de Queiroz vivesse! elle, que, quando da tentativa republicana de 91, antes de se saber em Paris, como acabaria esse dia 31 de Janeiro, declarava:

— «Se chegar algum telegramma dando a victoria aos republicanos, nem mais uma hora quero ser consul de Portugal. Vou para o Brazil, vou trabalhar, mas com a republica? vou-me logo embora!...»

Com que desinteressado desprezo elle deixaria cair o monóculo, se desse com o antigo companheiro do celebre grupo dos *Vencidos da Vida*, assim desfigurado n'aquelle pretendente!

Com que mordacidade justa Carlos Valbom chumbaria áquellas pedras da Arcada o *Vencido da Vida* desencaminhado do respeito que devia ao seu proprio valor!

Com que repulsão receberia a noticia d'aquelle decadencia o grande Anthero! com que ironia amarga não veria aquelle declinio, e que estupendo retrato psychologico, para pendurar ao lado do infante D. Miguel e de Pedro, o *Crú*, não traçaria d'esse pobre homem Oliveira Martins, relembrando o poeta que se photographára a seu lado, annos antes!

Quanto ao Marquez de Soveral encolheria apenas os hombros, e Ramalho Ortigão repetiria:

— «E' um porcalhão!»

Por mim tive esse minuto de punhado dó pelo que fôra um poeta e desde ahí ficou-me o absoluto desprendimento pelos infalliveis tramboihões e pontapés que viesse a apanhar, — dos carbonarios ou dos guardas civis encarregados de impedir a mendicidade, aos individuos que não ostentem a chapa da indigencia matriculada —, essa sombra d'um poeta que se chamára Guerra Junqueiro.

Soube-o depois a regatear a sua gloria que elle offerecêra ao Bernardino, ministro dos estrangeiros do Provisorio:

— «Tres contos de reis para ser ministro em Berne? Menos de seis, nunca, Bernardino! Seis, e olha que

é de graça, um poeta em bronze! E' authenticamente antigo, a ti não te engano que és amigo!

— «Tres é quanto tinha o Alberto d'Oliveira!...»

Em principio acceitou. Foi a noticia para os jornaes. Mas o sr. Guerra Junqueiro não partia. Prometteram-lhe mais dinheiro, quatro contos de reis: saiu nas gazetas a noticia de que breve marcharia a assumir o seu posto de ministro em Berne o sr. Guerra Junqueiro.

Ainda não partiu. Queria mais dinheiro. Regateava, do habito de vender santos, pela sua longa vida de adélo.

Deram-lhe mais meio conto, e mandaram a correr a noticia para as fôlhas, a ver se d'essa feita o empurravam para Berne. Passaram-se dias. E o sr. Guerra Junqueiro não foi: continuava pela Arcada, de chapéu na mão, como mendigo que não retira á buraca sem ajuntar a fêria...

Deram-lhe cinco contos, e deram nova noticia da proxima partida do poeta para Berne. O poeta arrecadou os cinco contos, e ficou-se a tiritar de avareza á hobreira do Ministerio dos Extrangeiros:

— «Duzentos mil cincoreisinhos, pelas suas alminhas!...»

Um dia foi para Berne, substituir o sr. Alberto d'Oliveira, a quem elle d'antes chamava:

— «Aquelle egoista redondinho de Berne!»

Emfim, lá foi para Berne, arredondar tambem a sua esguia e esqualida figura de môcho israelita.

Miguel de Unamuno quando soube, explicou assim o caso:

— «Guerra? preferiu Berne porque não gasta nada em representação e pôde andar sujo e rôto a vender por lá o seu vinho!...»

E lá se foi o tolstoi nacional que entre garrafas de Champagne decla-

mava uma vez no *Central*, em Lisboa, ahí por 1899:

— «Ah! eu na minha casa da Barca d'Alva é que me cilicio. Não attingi ainda a perfeição. Tambem Tolstoi foi accusado por uma creada de se levantar de noite e ir ás escondidas comer carne. Mas eu peço aos meus: quando eu fôr a cair, amparem-me. E' muito difficil ser santo!» —, e *deitava abaixo outra taça de «Champagne»*.

Aqui tem o «*Espectador da Galeria*» respondido a traços largos a sua pergunta: *para que foi para Berne um poeta como Guerra Junqueiro*.

Foi para Berne como iria para um mercado de Damasco ou de Tanger, se em vez de sair poeta e vinhateiro, sae simples vendedor de tâmaras.

O «*Espectador da Galeria*» admira-se e condõe-se porque não sabe que o sr. Guerra Junqueiro é neto de almocreve, tem raça de mercador. Admira-se porque ignora que por baixo do seu nimbo de poeta, elle usa o turbante do mercador judeu. Vendeu santos, vendeu contadores, vendeu pratos gateados, vendeu imagens de Christo, não é muito que vendesse o seu nome, a sua gloria, a sua lyra, elle que venderia o proprio Christo, se o descobrisse n'alguuma casa de Jerusalem onde não soubessem o valor do Redemptor.

E sobre o miserando caso d'essa decadencia intellectual e d'essa falencia moral, basta! Nem mesmo vale mais espaço a liquidacão d'um poeta n'um funcionario que anda agora aos pontapés por esse mundo...

O funcionario foi intimado a demittir-se, a bem da moral administrativa, escoraçado por faltar á repartição? Não faltará quem tenha pena d'elle e lhe arranje outro emprego. Crear-lhe-hão, se fôr preciso, um lugar novo, por exemplo: *Allo Commissario da Republica, junto da Feira da Ladra*.

Para um negociante de *bric-à-brac* ficava a matar, com quatorze contos de reis por anno, e as viagens no *electrico* pagas pelo Estado. Mas ou essa ou outra situação, qualquer coisa lhe hão-de arranjar. Entretanto, venderá santos, bentinhos, agua do Jordão em infuzas de Extremoz, autenticos pedacinhos do Santo Lenho, e o terceiro ou quarto *Cravo da Madre Paula*.

O funcionario está amparado, não morre á fome, qualquer chefe ou cabo politico lhe dará uma esmola ou o conduzirá ao *Asylo da Mendicidade*.

O poeta Guerra Junqueiro, esse morreu, e não ressuscita. Morreu doido, no dia 5 de outubro, com um delirio de cigano, precipitando-se para os cofres publicos, mettendo os dedos nos dobrões, deixando cair de alto o oiro, e cantando ao som dos *Sinos de Corneville: tic, tic, tic; tic, tic, tic, tão, toca, toca, toca, toca o carrilhão!*, desvairado, querendo beber o metal, escondel-o no peito, babado de avareza e de cubiça, suando allucinação!...

Guerra Junqueiro acabou, como um quadro de mestre, n'um leilão da *Liquidadora*.

Foi uma crise de juizo, que suplantou, n'esse ramo d'um tronco de doidos, a sua crise vinicola e a sua crise espiritual.

Cubram-o com a bandeira verde e encarnada ou com a linhagem das *morgues*.

Mette horror!

Fallemos de coisas alegres: o Bernardino.

Como foi parar ao Brazil?

Era natural que fôsse parar ao Brazil: era a sua terra natal.

Na saudação ao Imperador do Brazil, pelos estudantes brasileiros, então na Universidade de Coimbra, quando o bondoso e grande Pedro II visi-

tou Portugal, lá se lê a assignatura do esperançoso Bernardino. Mas eu sei, elle não voltou ao Brazil, levado pela nostalgia: não era uma saudade que ia beijar a patria, era um renegado que ia representar no seu proprio paiz natal um paiz estranho.

Certamente, o « *Espectador da Galeria* » não é d'isso que se admira. O que o intrigou foi esse ambicioso ter abandonado assim, á boa mente, Portugal e a prêsa politica ao sr. Affonso Costa.

Eu explico-lhe.

O sr. Antonio Luiz Gomes, ex-negociante de couros, n'uma casa de atacado do Rio Grande do Sul, teve mais difficuldade em continuar a gerir a pasta deixada pelo conde de Selir, do que em continuar a gerencia da casa de couros do tio-do-Brazil.

Estava a Republica Portuguesa em difficuldades para preencher a Legação do Brazil, quando passou em Lisboa o senador brasileiro sr. Azerêdo, um dos potentados da actual politica brasileira, e ouviu os republicanos portugueses exclamar, afflictos:

— « O que nos convinha era o Lampreia. Só o Lampreia podia salvar a situação! »

— « Pois isso arranja-se! — affirmou o illustre senador Azerêdo — O Lampreia faz o que eu quizer. Vae para lá o Bernardino e logo que eu chegue ao Brazil, faço com que o Lampreia acceite a Legação ».

O sr. Bernardino Machado chorava-se:

— « Então eu hei-de deixar Lisboa? Agora?!... Esquecer?!... Perder a minha influencia?!... »

— « São seis mezes, garanto-lhe que são só seis mezes, Bernardino! » — dizia, a tranquillisal-o, o sr. senador Azerêdo.

E o sr. Bernardino Machado partiu muito convencido de que era ida pela

volta, que estava lá uns mezes e que apenas chegasse encontraria o sr. Camello Lampreia, prompto a tomar-lhe conta da empada da legação.

Entretanto, o pessoal da legação do Rio de Janeiro, officiava ao sr. conselheiro Camello Lampreia, ministro em disponibilidade, convidando-o a passar pela legação dentro de certo prazo. O officio parecia feito por um d'esses diplomatas-amadores de que a republica lançou mão. Documento emmanado d'uma legação, assignado por qualquer entidade diplomatica e dirigido a um diplomata, o dito papel pelos seus termos tinha geito de ser fructo de marçano na carreira: nem a qualidade do officiante, nem a qualidade da pessoa a quem se officiava, nem sequer o nome d'elle direito, nem tão pouco o fim da chamada. O sr. Camello Lampreia nem respondeu. Para o fim já se contentavam que o sr. Lampreia fôsse á legação deixar um cartão de visita. O sr. Camello Lampreia que na verdade, não faz grande uso de cartões de visita, talvez por a lytographia no Brazil ser cara, não foi á legação deixar o seu cartão.

Chegou o sr. Bernardino Machado, chegou o sr. senador Azerêdo, e o sr. Conselheiro Camello Lampreia nem foi a nem para a legação.

Pelos modos o sr. senador Azerêdo é um grande amigo do sr. Conselheiro Camello Lampreia, mas os nossos amigos são os primeiros a quem compete não forçar o homem a commetter actos que lhe fiquem mal. E o illustre e poderoso senador Azerêdo não insistiu no seu pedido ao sr. Conselheiro Camello Lampreia, desde que soube que o seu amigo tinha já accettato outra representação que melhor quadrava á sua lealdade, á sua gratidão e á sua coherencia, representação que s. ex.^a exerceu até ha pouco que deixou de residir no Brazil.

O sr. Bernardino Machado, porém, não desanimava: cortejava o sr. Camello Lampreia, cumprimentava-o onde o encontrava, docemente, tenazmente. No comboyo que conduzia o elemento official aos funeraes d'um vulto brasileiro, o sr. Conselheiro Camello Lampreia cumprimentou todos os homens publicos e o corpo diplomatico, com uma unica excepção: o sr. Bernardino Machado. Pois nem depois d'essa desconsideração, o ministro da Republica deixou de cortejar o antigo ministro de S. M. Fidelissima.

Para o sr. Bernardino Machado, o sr. Camello Lampreia não era uma relação, era a abolição d'aquella escravatura. O sr. Conselheiro Lampreia não parecia impressionado por aquelle caso a pedir 13 de maio. Passaram-se 6 mezes. A' vergonha do fracasso que foi a viagem do sr. Bernardino á terra natal juntava-se a protelação do sacrificio. O sr. Bernardino Machado ao partir para o Brazil desenrolou o seu plano: carreira de navegação nacional, tratados de commercio, um tunel sub-atlantico de Lisboa á Capital Federal, canaes que levariam a bahia de Guanabára ao Chiado, um programma tão vasto e tão ousado, tão sabidamente impossivel de se exigir em seis mezes, que quando s. ex. regressasse á politiquice sórna dos centros regicidas de Lisboa, a imprensa e a familia podiam dizer:

— « Que pena! se o grande Bernardino tem continuado ministro da Republica no Brazil, que grandiosa éra veriamos incorporar-se nas relações entre dois povos irmãos!... Que pena elle ter retirado antes de lhe darem tempo a realisar a sua obra!... »

E o republicano vermelho e granitico protestaria:

— « Mas é isto, é isto! Eu bem grito: fóra com os thalassas! A Republica

não se fez para os thalassas, fez-se para nos anichar a nós, ás nossas companheiras e aos nossos filhos! Não senhor, o governo tirou a legação ao Bernardino para dar ao Lampreia, sua alma sua palma! Agora ahi teem, aguentem-se!»

Permanecer no Brazil era descobrir a calva charlatanice d'esse plano diplomatico.

O sr. Bernardino quiz regressar. Foi então que o sr. Affonso Costa o segurou pela aba da vaidade, com este telegramma :

« *A Republica tenciona elevar a embaixada essa Legação, e deseja que V. Ex.^a ahi esteja quando esse acontecimento se der.* »

O sr. Bernardino Machado ficou á espera de ser embaixador. O sr. Affonso Costa teve-o assim arrumado para lá uns tempos, dizendo muito satisfeito :

— «Deixal-o estar, deixal-o estar! Elle a mim não me incommoda, mas escusa de vir para ahi embrulhar tudo com as suas amabilidades. As *gaffes* feitas no Brazil, quando cá chegam, a este cambio, não valem nada!»

Não foi tanto assim. O cambio brasileiro não está tão mau como ao sr. Affonso Costa queria parecer. As *gaffes* do sr. Bernardino Machado, somadas com as que o proprio sr. Affonso Costa praticou em Lisboa, para com o Brazil, não são agradaveis para nenhum portuguez que estime Portugal, que estime o Brazil, e que comprehenda o valor que teem as boas relações com a chancellaria fluminense.

As actuaes relações de Portugal com a sua antiga colonia são infelizmente de molde a provar esta grande verdade affirmada pela doutrina monarchica : *nas republicas não pôde haver politica externa.*

A dolorosa verificação d'este facto,

nas nossas relações com o Brazil, obriga-nos a commemorar, com jubilo, a retirada do sr. Bernardino Machado, do Rio de Janeiro.

O sr. Bernardino Machado, como todos os homens *fondants*, é pernicioso : está sendo pernicioso para Portugal, e é-o para a Republica desde o dia 5 de outubro. N'esse mesmodia, começou elle, elle! junto do Marechal Hermes da Fonseca, a bordo do *S. Paulo*, a sua infinita enfiada de *gaffes*.

E' a razão d'esta entrevista, que decorre desde a manhã da festa offerecida a El-Rei D. Manoel, a bordo do cruzador brasileiro, até á sahida do *S. Paulo*, revelando o que se passou em volta do Presidente Eleito da Republica Brasileira, e descrevendo a inconveniente visita do *Governo Provisorio*, governo revolucionario, não reconhecido, a um vaso de guerra estrangeiro onde estava o Chefe de Estado d'uma nação, que só conhecia e reconhecia áquella data a Monarchia Portuguesa. Como complemento logico d'esta entrevista, que é um dos capitulos mais palpitante, e de todo inedito da outubrada, daremos no numero seguinte, n'outra entrevista, com um diplomata portuguez, a descripção da retirada do Rio de Janeiro, do Conde de Selir, então ministro de Portugal junto da Republica do Brazil, e a retirada do sr. Bernardino Machado.

Recapitularemos, então, o estado em que a Monarchia deixou as suas relações com o Brazil e o estado em que a Republica as pôz, e juntaremos assim mais um argumento ás provas classicas d'esta these : *nas republicas não pode haver politica externa.*

Se o mal fosse só de pessoal, bem estava.

O peor é que as relações de Portugal com o Brazil não melhorarão

pela simples substituição do sr. Bernardino Machado, o *rei dos gaffeurs*, como a situação nacional não se remedia pelo simples facto de mandarem render o sr. Affonso Costa.

O mal é mais profundo.

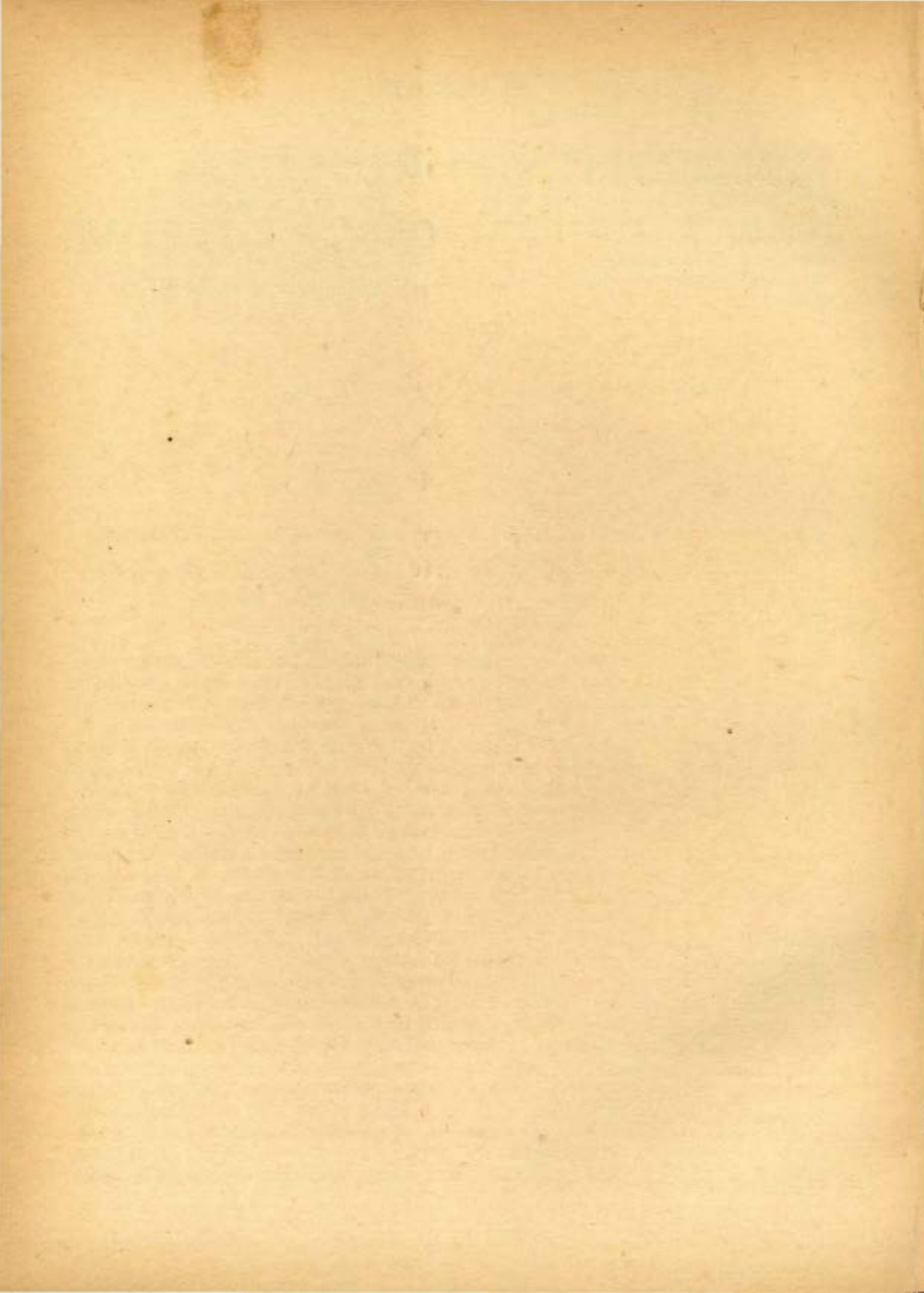
O mal é maior do que esses homens.

O mal é de origem.

O mal é do regimen.

O mal é a democracia, é a republica dentro da qual, nem para Portugal nem para paiz algum, prova-o a historia, é possível continuidade nacional ou respeito internacional.





A REPUBLICA PORTUGUEZA E A REPUBLICA BRAZILEIRA

I

ENTREVISTA

com o capitão-tenente da armada brasileira,

SR. AMERICO PIMENTEL,

ajudante de ordens do sr. Marechal Hermes da Fonseca,
na visita do Presidente Eleito, da Republica Brasileira,
a Lisboa, em outubro de 1910.

Como se nos proporcionou esta entrevista — O descendente d'um heroe da guerra do Paraguay, companheiro d'armas de Deodoro da Fonseca e Hermes da Fonseca — A entrada do « S. Paulo » no Tejo — A « matinée » no cruzador « S. Paulo » — O banquete de Belem — O sr. Batalha de Freitas — Impressão deixada por S. M. El-Rei D. Manoel — Depois do banquete — Um passeio na noite de 3 de outubro — Intranquillidade e... zelo do sr. Batalha de Freitas — O Marechal Hermes da Fonseca resolve ir para bordo do « S. Paulo » — O que se passára a bordo do « S. Paulo » n'essa madrugada — Historia da celebre salva do « S. Paulo » á bandeira republicana — O ministro do Brazil em Lisboa — O Marechal Hermes da Fonseca encarrega d'uma delicada missão diplomatica, o sr. Batalha de Freitas, que não é cumprida fielmente — A noite de 4 de outubro a bordo do cruzador « S. Paulo » — Visita d'um official revolucionario — O assalto ao « D. Carlos » — O 5 de outubro — Angustias do sr. Batalha de Freitas — Em menos de duas horas deixa de representar a Monarchia junto do Presidente Eleito e passa a representar junto do illustre hospede brasileiro o Governo Provisorio — Visita do Governo Provisorio ao cruzador « S. Paulo » — O que responde o Marechal Hermes ao sr. Batalha de Freitas e o que faz este homem — As reservas do Presidente Eleito — A primeira « gaffe » do sr. Bernardino Machado, como ministro dos estrangeiros da Republica — Como

foi recebido a bordo do « S. Paulo » um grupo de individuos que disseram compor o Governo Provisorio — O que lhes disse o sr. Marechal Hermes da Fonseca — O presidente do Brazil, e o sr. Batalha de Freitas — Fim da carreira do commandante do « S. Paulo »: o castigo d'uma inadvertencia — O « S. Paulo » deixa o Tejo antes de entrar o barco da marinha de guerra brasileira que devia rendel-o.

N'aquelle inquerito ao 5 de outubro, que intitulei *Diario dos Vencidos*, recolhi depoimentos de varios elementos: officiaes da guarnição, commandantes e officiaes da marinha dos navios ancorados no quadro, ajudantes d'ordens de Sua Magestade El-Rei, palatinos, testemunhas dos episodios do Quartel General e da inacção do Arsenal, etc., etc. Uma pagina ficou e ficaria por documentar e esclarecer, se um perfeito e grato acaso não trouxesse aonde a mim a mais fidedigna e idonea das testemunhas: todo o papel representado pelo cruzador *S. Paulo*, da armada brasileira, que a Lisboa conduziu o Presidente Eleito, Marechal Hermes da Fonseca. Nem sequer me passou jámais pela mente poder vir a documental-a. Dobados quasi tres annos depois dos acontecimentos, eis que, sem eu dar um passo para isso, me vem ter ás mãos o precioso depoimento.

Foi o verão passado, aqui em Paris, n'este mesmo hotel onde hoje estou a passar ao papel esta pagina inedita do *Diario dos Vencidos*, que se me deparou esta entrevista. A uma meza contigua á minha sentou-se certa manhã uma familia composta de marido, mulher, e filhos. Avêssô a conhecimentos de hoteis e de caminhos de ferro, e indo já para essa desencantada hora da experiencia em que não appetitece fazer novas relações, os primeiros dias nem cumprimentava os meus visinhos d'almoço e jantar.

A' força de nos vermos, abaixámos

a cabeça, e as creanças, esse admiravel traço de união, provocaram a troca das primeiras palavras. Ao levantar-nos da meza declinámos os nomes: elle era o sr. Americo Pimentel, official da marinha brasileira, na commissão naval de *Newcastle*, onde o Brazil tinha a construir o *dreadnought* Rio de Janeiro. Assim que teve a confirmação de que eu era portuguez, fallou-me de Lisboa, contando que tinha da nossa capital recordações historicas: acompanhára o Marechal Hermes da Fonseca, como ajudante de ordens, na visita do Presidente a Portugal.

O episodio ligou-nos, n'esses dias de ferias que o distincto official passou em Paris, e o valor intellectual e a seriedade do capitão-tenente Americo Pimentel fizeram com que eu conte mais um amigo no Brazil, e este official da armada brasileira mais um amigo entre os portuguezes.

Homem habituado a responsabilidades officiaes, já de si calmo, a especialidade de artilheiro naval, a longa e repetida residencia nas civilizações britannicas, acabam de o tornar meticoloso e reflectido, e por fazer d'este exuberante brasileiro descendente de portuguezes, uma serenidade inimiga de enthusiasmo de exaggeros. Com pouco mais de trinta annos, dispõe de tanta ponderação como simplicidade.

Não podia deparar-se-me mais valioso documentador que, como se vê, estava escripto que havia de depór no *Diario dos Vencidos*.

Velha amizade cimentada no campo da batalha.

— Meu Pae, — conta o capitão tenente Americo Pimentel —, foi companheiro d'armas, do Marechal Deodoro da Fonseca e do Marechal Hermes da Fonseca. Alistado como voluntario, o « Velho » bateu-se na guerra do Paraguay, d'onde data a amizade com a familia Deodoro e a familia Hermes. Meu Pae, que praticou actos de coragem, durante a campanha, deixou depois o exercito, vivendo hoje para os seus trabalhos de historiador, mas nunca deixou esquecer a amizade de Deodoro e do Marechal Hermes da Fonseca, que na guerra do Paraguay era um simples e bravo capitão, de cuja modestia e alheamento da politica não permittiam prever o destaque que havia de vir a ter na historia do Brazil. Isso abona a amizade da nossa familia á familia Fonseca, a que agora não faltam inopinados amigos. A essas velhas relações de meu Pae, cimentadas no campo da batalha, devi a honra de ser escolhido pelo Marechal, para seu ajudante de ordens, na sua viagem a Lisboa. Mal diria eu que ia assistir á queda d'aquelle tronco da secular monarchia portugueza!... E como aquillo caiu, senhores?!...

Esperariam os republicanos portuguezes a chegada do « S. Paulo » ao Tejo para fazerem a revolução?

— Diga-me uma coisa, capitão-tenente! Os republicanos portuguezes contariam com a presença do cruzador « S. Paulo » como uma carta para a partida?

— Combinação, escuso de dizer-lhe que não havia. Lá que os revolucionarios se lembrassem de que, se fossem vencidos, teriam o « S. Paulo »

para se acolherem, era natural, não é? E o « S. Paulo » decerto os receberia, no que não faria mais do que agradecer e retribuir o acto tão louvavel e bonito do velho Castilho, com os revoltosos do Custodio José de Mello, não é?

— Mas eu não digo que o Brazil ou mesmo o Marechal estivessem na combinação, mas emfim a sympathia de qualquer elemento de guarnição do « S. Paulo »...

— Isso, sim! Para todos nós foi um aborrecimento presencarmos aquelle espectáculo. E para o Marechal lhe asseguro que foi de arrelia! Nós estávamos passados! Quando entramos o Tejo, o senhor se deve lembrar, que foram esperar-nos fóra da barra, uns vapores e lanchas com muita gente. N'um dado momento de bordo d'uns vapores, aquelle povo tirou do bolso umas bandeiras verdes e encarnadas, piquininas, e entrou a acceñar com ellas. Eu perguntei a um senhor que estava ali, ao major Vaz, o que queriam dizer aquellas bandeiras encarnadas, e elle me respondeu: « *Aquillo são uns malucos que teem idéas republicanas, mas qualquer dia levam uma toza!* » Não dei importancia, e não passou-me pela imaginação que viesse a ver em Portugal arvora-das aquellas bandeiras que aquelle « pessoal » tirára do bolso e tornára a esconder.

A « matinée » no cruzador « S. Paulo ».

— O que foi afinal a salva dada pelo cruzador « S. Paulo », á bandeira revoltosa içada no *Adamastor* e no *S. Raphael*, na manhã de 4 de outubro.

— Um mero engano. Eu lhe conto. No dia 3 houve, como deve de lembrar-se, uma *matinée* em honra de Sua Magestade o Senhor D. Manuel.

O «S. Paulo» devia metter carvão. O commandante pensou em metter carvão até ao meio dia, e do meio dia ás 2 horas fazer a limpeza do navio. O serviço fazia-se, mas era muito violento para a guarnição. Então, o Marechal, ouvindo fallar no caso, pediu ao commandante do «S. Paulo» que suspendesse a carga do carvão mais cedo, para não estafar a guarnição. Nas condições em que o Marechal estava a bordo, um pedido d'elle ao commandante era recebido como uma ordem, não é? O commandante respondeu: «Pois não, Marechal, vou já dar essa ordem!» Mas ficou mal disposto. A *matinée* correu muito bem, e ao fim da tarde é que ouvi dizer que tinha morrido o dr. Bombarda, e que andavam dando vaias aos padres, pela cidade! Ninguém ligava, porém, importância á noticia. Depois da *matinée* no «S. Paulo», sahimos na vedêta a toda a pressa para atracar ao caes D. Fernando e irmos para o Paço de Belem, vestir-nos a toda a pressa para o banquete. Estava-me a vestir quando chegou um camarada, que vinha comunicar ao Marechal que o commandante não ia ao banquete. Que estava indisposto, não podia ir.

**No banquete de Belem—
O sr. Batalha de Freitas
ligando pouca importância
aos revolucionarios.**

—Que impressões tem d'esse banquete?

—Uma, a dominante, de assombro.

—Qual?

—A da serenidade do seu Rei. A certa altura, um escudeiro apresentou um despacho ao Monarcha. «Aqui?» — disse D. Manuel. — «E' urgente, Magestade!» — respondeu o creado. O Rei abriu, leu, e nas cos-

tas do menu escreveu: *Faça apressar o jantar*, e mandou-o ao Batalha de Freitas, que era o secretario do ministro dos estrangeiros, e que estava affecto ao Marechal. «*Algo ha de grave!* — diz Batalha de Freitas, que estava ao meu lado — *porque El-Rei manda apressar o jantar*». — «*Serão as arruaças em que ha pouco se fallou?*» — perguntei eu. — «*Se fór* — respondeu o Batalha —, *se fór, o governo dá-lhes a lição que elles merecem!*» Mas não poudo deixar de admirar a presença de espirito de El-Rei D. Manuel: não se lhe contrahiou um musculo!

Um passeio nas ruas de Lisboa na noite de 3 de outubro.

— Ora diga-me: era o aspecto normal d'um banquete, não havia desassocêgo, intranquillidade?

— Notava-se um certo movimento: pessoas que se levantavam, outros que não acabavam o jantar, mas El-Rei continuava conversando, e quem é militar não repara em que officiaes se levantem a meio d'um banquete ou saiam inesperadamente d'uma festa, chamados pelos seus deveres. Depois do banquete, El-Rei e os ministros ficaram conversando. O Senhor D. Manoel até gracejou commigo, como de costume: «*Então essa paixão pelo «S. Paulo».* *Se lhe tiram o «S. Paulo» o Pimentel morre de saudade!*» Os ministros conversavam, entre elles o conselheiro José d'Azevedo, uma boa prosa, por signal! Por fim, ahi pelas dez ou dez e meia da noite, chegou a guarda de honra para acompanhar D. Manuel; a Magestade sahiu, e Batalha de Freitas lembrou: «*Vamos nós dar uma volta, a ver o que ha?*» E sahimos, eu, Batalha, um jornalista que estava lá e fóra dar noticias, e

um official de bordo. Fomos de electrico até ao centro, depois a pé até á Avenida. Vimos movimento de tropas, e para os lados da Avenida ouvimos tiroteio. Houve um momento em que se tornou perigoso andar na rua: recolhêmo-nos n'uma casa, fômos á janella, e assistimos a algumas correrias. Voltámos para o Paço.

**Historia da salva do
« S. Paulo » á bandeira
revoltosa içada no « Adamastor ».**

— O Marechal ainda estava a pé?

— Ainda. Communicámos-lhe que havia coisas graves e fômo-nos deitar. Batalha de Freitas declarou: « *Eu já não saio d'aqui!* » E dormiu lá. Durante a noite ouvimos diversas descargas, e pela madrugada soubemos que as tropas revolucionarias tinham saído para a rua e estavam entrincheiradas na Rotunda. O meu camarada tenente Moraes Rego...

— Official do « S. Paulo »?

— Sim, senhor... apresenta-se no Paço de Belem a explicar ao marechal o equivoco da bandeira.

— Estamos chegados ao que mais me interessava.

— Vae ouvir. Um dos navios revoltosos içou uma bandeira que ao commandante do « S. Paulo » pareceu o estandarte real. O commandante disse ao official de quarto que içasse o estandarte real que tinhamos requisitado para arvorar durante o *matinée* offerecida em honra do Senhor D. Manuel, e que salvasse. O official objectou: « *Commandante! me parece que não é o estandarte real!* » « *Cumpra, a minha ordem!* » O official cumpriu a ordem e depois voltou junto do commandante e disse-lhe: « *Commandante! cumpri a sua ordem, mas me permita dizer-lhe que aquella bandeira não é o estandarte*

real, porque está içada na « Carangueja » e não no tópo do mastro. » O commandante correu á proa, de binoculo em punho, e verificou que se tinha enganado. Tinha sido uma illusão de optica muito conhecida: o vermelho a distancia absorve o verde, é um phenomeno optico perfeitamente averiguado. E a bandeira içada no navio revoltoso tinha um canto verde, e a maior parte do signal era vermelho. O commandante ficou incommodadissimo e mandou lavrar a declaração do equivoco, perante testemunhas, no livro de Bordo. Ora aqui tem o caso da salva do « S. Paulo » tão commentado. Não passou de um méro equivoco.

**O Marechal Hermes da
Fonseca retira para bordo
do « S. Paulo. »**

— E como conhecia o official de quarto do « S. Paulo » a bandeira verde e encarnada dos republicanos portuguezes?

— Conhecia-a de a ter vista agitar pela multidão que nos fôra esperar, á entrada da barra, nos seis vapores que foram ao encontro do « S. Paulo ». Em todo o caso, o Marechal ficou contrariado com o equivoco, mas não disse nada. Depois do almoço, o Marechal sabendo que o governo estava empenhando todas as forças, resolveu retirar-se para bordo do « S. Paulo » não só para não preoccupar o governo com a sua pessoa, como tambem por deprender que a força que estava de guarda no Paço de Belem, e que fôra reforçada, podia fazer falta.

— Ahi está uma coisa que o presidente do conselho não comprehendeu quando reteve forças a guardar-lhe a casa.

— Seguimos, pois, para bordo, depois d'almoço.

— E o sr. Batalha de Freitas?

— Batalha... Batalha também. Declarou que enquanto o Marechal não deixasse o Tejo, a sua missão era junto d'elle e junto d'elle estaria, embora tivesse de ser seu hospede. «Ora essa, «seu» Batalha! com muito gosto, não faça cerimonia!» E foi comnosco. Quando chegamos a bordo e demos com a bandeira azul e branca ainda arvorada no «D. Carlos», ficamos á espera de combate naval. Mandou-se uma patrulha a terra recolher os marinheiros e officiaes do «S. Paulo», e o Marechal mandou-me a mim a terra, procurar o ministro do Brazil, com quem me desencontrei porque o ministro já se dirigira para bordo.

O Marechal Hermes encarrega o sr. Batalha de Freitas d'uma missão que não é fielmente cumprida.

— E o capitão-tenente voltou também para bordo?

— Logo. Mas não tardei a ir a terra. N'esse momento, o «Adamastor» começava a fazer evoluções, e nós receamos que elle seguisse rio abaixo para ir bombardear o Paço das Necessidades. O Marechal Hermes da Fonseca encarregou, então, o Batalha de Freitas de ir ao Paço das Necessidades dizer a El-Rei que se entendia que a sua Pessoa corria algum perigo, elle teria muita honra em lhe offerecer abrigo a bordo do «S. Paulo», a Elle e á Familia Real, emquanto a revolta não estivesse suffocada. Eu acompanhei o Batalha de Freitas, que não quiz que a vedêta fosse atracar lá baixo, e se dirigiu a Belem. Eu ainda lhe disse: «Seu Batalha! isto não é nada commigo, o senhor fará o que entender, mas me parece que o Marechal não ficará satisfeito se a sua missão não fór inteiramente cumprida. Acho melhor irmos ao Paço das Necessidades, e o senhor communicar directamente a Sua Magestade as palavras do Marechal». Mas seu Batalha não estava pelos ajustes: «Ah! o senhor não conhece esta canalha d'este povo meudo. Podem-me matar!» — «Qual matar, «seu» Batalha! o senhor vae commigo, eu estou fardado, veré que ninguém lhe faz desacato algum! Então, a sua terra é alguma terra de selvagens!» Uns populares disseram umas graçolas, e o sr. Batalha não quiz saber de mais nada, enfiou para o Paço de Belem: «Nada, nada! eu vou aqui ao telephone, e fallo para as Necessidades.» — «O senhor fará o que entender! «seu» Batalha!» Elle lá foi para os telephones, e d'ahi a pouco, appareceu: «Prompto! Já dei o recado, elles agora que mandem a resposta para bordo. Vamos, vamos para bordo!» Voltamos na vedêta, e eu fui mudar tudo quanto era meu, para ter prompto o meu camarote que era um bom camarote, em cima, para qualquer camarista das Magestades.

— Chegaram, então, a tratar de alojamentos no «S. Paulo», para a familia real?

— Esteve tudo prompto.

— E afinal?

— Afinal, d'ahi a algumas horas o sr. Batalha disse que fôra um homem com esta resposta: «Que Sua Magestade agradecia muito ao Marechal, mas que não era caso.»

A visita do Provisorio — O sr. Bernardino Machado no «S. Paulo».

— Mas os revoltosos parece que chegaram a convencer-se de que El-Rei tinha ido para o «S. Paulo»?

— Parece que sim, por isto que eu lhe vou contar. Na noite de 4 de Outubro, antes da abordagem ao D. Car-

los, um official revolucionario foi a bordo do «S. Paulo» e disse ao commandante que era melhor procurar outro ancoradouro, porque não estava ali bem; que se esperava a bateria de Queluz, e não sei que mais, e que podia haver qualquer desgraça. O commandante respondeu que áquella hora não podia mudar de ancoradouro; que o «S. Paulo» era um navio que *calava* muito, que elle não conhecia o rio, e que receava ir collocar-se ou onde prejudicasse o navio, ou onde prejudicasse os outros; que o navio era encouraçado, e que elle o mais que podia fazer era mandar recolher a guarnição, e que se caísse por lá alguma bala só causaria estrago material. O official portuguez retirou-se, e d'ahi a pouco dava-se o assalto ao *D. Carlos*.

— Tinha sido uma precaução, receavam que alguma bala do assalto lá chegasse.

— Sem duvida. Nós estávamos muito proximos. Na madrugada de 5, o official voltou communicando ao commandante que já não era preciso mudar de fundeadouro. Mas o homem olhava, tornava a olhar, e eu disse-lhe: «*Está a ver se vê cá alguém conhecido? Não está, não!*» — «*Sim, disse-se que o Rei se abrigára ao «S. Paulo»!*...» — «*Pois, não está, não!*...» D'ahi a pouco sabia-se a noticia de que fôra proclamada a Republica. Senti, então, a situação do Batalha. Muito pallido, lamentava a sua sorte, e sua carreira quebrada. E foi a terra. D'ahi a... a menos de 2 horas, voltou. Trazia outra cara, vinha todo contente, e explicou: «*Elle não era um funcionario da Monarchia, mas um diplomata portuguez, um funcionario do Paiz. Os republicanos pediram-lhe que ficasse, que servisse a Patria, e elle ficara para servir a Patria.*» E tanto que voltava já investido das mesmas funcções protocolares junto do Mare-

chal, em nome do Governo Provisorio da Republica. O Marechal deu-lhe os parabens, disse-lhe que estimava que elle não perdesse a sua situação, e reinou um pouco com elle, dizendo-lhe que bom fôra que a Republica o investisse d'aquellas funcções, porque enfim já se conheciam e estavam habituados desde os tempos passados da Monarchia. Um pouco comprometido, Batalha de Freitas communicou mais ao Marechal que o «seu ministro», o sr. Bernardino Machado o encarregara de lhe annunciar a sua visita a bordo do *S. Paulo* para esse dia. O Marechal disse-lhe que não podia, na situação em que se encontrava ali, receber a visita d'um membro do Governo revolucionario. Que se o sr. Bernardino Machado queria ir a bordo do «S. Paulo» que isso era com o commandante. O commandante respondeu que o «S. Paulo» podia ser visitado por quem quizesse. Batalha de Freitas vai para terra e d'ahi a coisa de hora e meia vê-se um vaporsito, com uma bandeira verde e encarnada, dirigir-se para bordo do «S. Paulo». — «*O' da embarcação!* gritou-lhe a vigia — *Arreie o signal, se quer atracar!*» A embarcação arreou a bandeira verde e encarnada, atracou, e entra no *S. Paulo* o Batalha annunciando que estava ali o *Governo Provisorio*. Como visitantes para ver o navio, podem entrar. E foram recebidos com *guarda formada*.

— Isso é honraria?

— Não, senhor. Guarda formada é signal de visita suspeita. Recebeu-os o commandante, e como elles insistissem em se approximar do Marechal este disse-lhes: «*Que bem via que tinha havido uma revolução e que particularmente sabia que aquelles senhores que ali estavam eram o Governo Provisorio; mas que elle era o Presidente Eleito da Republica Brasileira, que áquella hora só reconhecia o regimen monarchico, e*

que elle Marechal, não podia receber um governo revolucionario que o seu Paiz ainda não tinha reconhecido. » E saiu, deixando-os ficar.

— Boa lição!

— O Marechal é um homem reservado e prudente. Já com a manifestação republicana no Paço de Belem, elle dera mostras d'um grande tacto deixando sem resposta as allusões republicanas dos discursos que lhe dirigiram, e pegando apenas no trópo do amor paternal que une os dois povos Portugal e Brazil. Elle estava afinadissimo, arreliado. Disse ao Batalha de Freitas que aquillo se não fazia: o Marechal fôra elevado á Presidencia da Republica do Brazil por uma eleição renhida; se no dia seguinte qualquer jornal monarchico de Lisboa se lembrasse de o censurar pela visita do Governo Provisorio, a que elle não accedêra, e se esses reparos chegassem ao Brazil augmentados, não deixariam de ser aproveitados pelos seus inimigos politicos que haviam de tentar fazer crer ao Paiz que elle era um leviano, sem o senso exigido a um chefe de Estado.

Fim da carreira do commandante do « S. Paulo ».

— Compreendo: o caso explorado por uma opposição ainda ferida da lucta da eleição presidencial podia chegar até á tentativa de lhe não deixarem tomar posse da presidencia.

— Ah! o Marechal ficou!... E tanto

que deu logo ordem para retirarmos. Nós deviamos esperar que o *Almirante Barroso* nos fosse render ao Tejo. Mas quem pensa que o Marechal esperou? Isso sim. Que esperança! Sabimos logo. Ao passarmos a barra, logo d'ahi a pouquinho, um radio-telegramma do *Almirante Barroso* annunciava-nos que ia proximo. Pois que venha!... E seguimos nosso rumo. Compreende, o Marechal tratára o Rei, ficára tendo por elle certa sympathia, reconhecia que a queda da monarchia, não era da responsabilidade de D. Manoel, e ia impressionado. Mas sobretudo era o aborrecimento de ter assistido áquillo tudo.

O capitão-tenente Americo Pimentel, como official de marinha não quiz referir mais. Mas não é hoje segredo para ninguem o fim da carreira do commandante do « S. Paulo »: duas vezes foi levada á assignatura a promoção a que tinha direito, e duas vezes foi preterido. A' terceira vez, pediu que lhe dêssem a promoção que elle se compromettia a reformar-se. Promoveram-o, e elle requereu a reforma pagando assim duramente o equívoco da noite de 4 de outubro, mandando salvar á bandeira verde e encarnada por o encarnado, que a distancia absorve o verde, lhe ter dado a illusão optica do que era o estandarte real.

Se o Brazil assim é inclemente com os seus officiaes de marinha, o que será elle com os diplomatas estrangeiros que lhe desagradam!...

